

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

IZABELA HARUMI NISHIOKA

**A EXPERIÊNCIA COM AS CORES NO
SER-DALTÔNICO**

SÃO PAULO

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

IZABELA HARUMI NISHIOKA

**A EXPERIÊNCIA COM AS CORES NO
SER-DALTÔNICO**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof. Dra. Marina Pereira Gomes.

SÃO PAULO

2017

AVALIAÇÃO

ORIENTADORA DOUTORA MARINA PEREIRA GOMES

PARECERISTA DOUTOR NICHAN DICHTCHEKENIAN

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo pelo ambiente de estudo e bagagem que proporcionou desde o dia em que ingressei.

À minha orientadora pelo trabalho dedicado nessa pesquisa e todo o incentivo, inclusive por me fazer chegar até a conclusão, com um trabalho no qual me orgulho. Principalmente, por confiar em mim.

À minha família, especialmente, que me apoiou por toda graduação com muito amor e empenho, pois sem eles não seria possível. A cada uma das minhas três irmãs que, de modos diferentes, distantes ou não pelo mapa, reforçam minha caminhada.

Aos meus amigos que respeitaram ao longo de todo o processo minha instabilidade emocional e que contribuíram à medida que puderam para a minha realização desse trabalho. Consideração ao meu melhor amigo, meu namorado, que entrou na minha vida com essa pesquisa em andamento e fez questão de ser meu apoio nesse momento e não minha distração.

Agradeço ao Pedro Brunetti, uma pessoa especial que conheci quando estava escolhendo pelo curso de Psicologia e que inspirou minha busca pelo tema. Também ao ser-daltônico, sujeito que colaborou com essa pesquisa, possibilitando a realização desse estudo.

Agradeço a mim, que enfrentei todos os percalços, que me mantive firme, agarrada a toda força de pessoas queridas mencionadas acima, a todas as pessoas que cruzaram minha vida até hoje e que contribuem para eu ser quem eu sou.

“Gosto das cores, das flores, das estrelas, do verde das árvores, gosto de observar. A beleza da vida se esconde por ali, e por mais uma infinidade de lugares, basta saber, e principalmente, basta querer enxergar.”

(Clarice Lispector)

NISHIOKA, IZABELA. **A EXPERIÊNCIA COM AS CORES NO SER-DALTÔNICO**, 2017, Orientadora Prof. Dra. Marina Gomes.

RESUMO

O presente trabalho buscou, por meio de uma entrevista reflexiva, o sentido do significado das cores para um ser-daltônico. Conforme as questões que foram suscitadas, foram analisadas em três tempos, baseados nos três tempos do psicólogo existencialista Rollo May para além do universo das cores. Considerando que as cores exercem influências no humor das pessoas e são estímulos visuais que permeiam as relações interpessoais, como se comporta aquele ser que apresenta tanta singularidade na percepção do seu mundo envolvente?

ABSTRACT

The present work sought, through a reflective interview, the meaning of the meaning of colors for a colorblind being. According to the questions that were raised, they were analyzed in three times, based on the three times of existentialist psychologist Rollo May beyond the universe of colors. Considering that colors exert influences on people's moods and are visual stimuli that permeate interpersonal relations, how does that being that presents so much uniqueness in the perception of its surrounding world?

PALAVRAS-CHAVE: cor, cores, daltonismo, experiência, ser, singularidade, especificidade, psicologia fenomenológica.

SUMÁRIO

AVALIAÇÃO.....	3
AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO	5
INTRODUÇÃO.....	7
OBJETIVO	16
MÉTODO	17
ANÁLISE DOS DADOS.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
BIBLIOGRAFIA	27
ANEXOS	31

INTRODUÇÃO

No atual cenário de crise política no Brasil vejo homens vestirem suas camisetas coloridas e saírem às ruas a favor de seus partidos. Vejo também aqueles que vestem nenhum partido, mas a cor brasileira está presente em todos, - ainda que em forma de negação -. Há uma insatisfação que permeia o país e gera uma revolta que ninguém mais sabe ao certo de onde vem e para onde vai. Existe aqui uma dúvida: você vê o que eu vejo? E diante de toda revolta transparente a resposta é: não.

Em São Paulo, mais especificamente, as cores tomam forma, na verdade, tomam poder, sendo expressa numa cor única ou na ausência dela a pensar na perspectiva. A gestão do atual prefeito João Dória se iniciou com o projeto “São Paulo Cidade Linda” que acarretou em tornar cinza diversos muros, - antes coloridos por artistas ou ativistas -, da nossa cidade, na intenção de limpar as “*pixações*”. Evidenciando a falta de um diálogo, de uma perspectiva comum ou de uma representação consistente. Que ressalta, dessa forma, uma atitude radical que revela o quanto a visão de *pixação*, *grafite* ou *arte* carregam uma história que às vezes se encontram às vezes caminham em direção oposta, mas cinza nenhuma dessas representações na parede pretendem ser. Essa foi uma das ações, nos espaços urbanos, seja de trânsito ou de permanência, que afetou os paulistanos. As reações foram diversas, expondo nas redes sociais, nas expressões ao circular pela cidade ou no boca-boca. As cores fizeram falta, no caminho para o trabalho, para suas atividades ou no trânsito característico da metrópole. As cores estão ali, os homens estão por aí. O que sugere importância da cor e da sua diversidade. As cores falam, os paulistanos gritam, pois há uma sensibilidade estética, há uma apropriação cultural, há uma voz política e transgressora, atrelada à percepção do indivíduo.

Essas diferenças de posições me levam a pensar que existe nessa dúvida um fator energético que sustentaria uma percepção anterior a formação intelectual. No entanto, o fator energético é amplo, pois é um campo complexo que diz respeito a uma série de relações, desde científicas até crenças.

Pretendo centralizar este estudo nas cores e suas vibrações que podem ter um significado ou exprimir sentimentos de forma que produzem sentido na vida do indivíduo, visto que na nossa primeira infância, por exemplo, “As cores que vemos não estão nos objetos, dependem de propriedades do nosso sistema nervoso.” (VENTURA, 2007, p. 83). Ou melhor, pretendo trabalhar com as cores como estímulos que movimentam o indivíduo a ponto de interferir na sua ação diante da vida, isto é, nas suas relações com o outro, com o objeto e na sua percepção do meio, de modo inseparável e que não se reduz a um estímulo.

“Eu ando pelo mundo

Prestando atenção em cores

Que eu não sei o nome

Cores de Almodóvar

Cores de Frida Kahlo

Cores!”

(Adriana Calcanhoto – Esquadros)

No entanto, ao pensar sobre a influência das cores pensei a respeito de uma via de mão dupla por onde as cores afetam o sujeito tanto quanto as particularidades do sujeito afetam as cores que vê, portanto, como as cores se manifestam ou manifestam algo. E que, talvez, diante dessa propriedade de visão subjetiva, a cor seja expressa pelo humor, pelo afeto ou pelos desejos. Numa visão fenomenológica "É difícil dizer se a Teoria das Cores pertence ao reino da física, fisiologia ou psicologia. Ela não pertence a nenhuma delas e, ao mesmo tempo, a todas" (BORTOFT, 2013, p. 60).

Existem diversas pesquisas sobre a natureza das cores, mas poucas relacionadas ao afeto ou ao humor das pessoas diretamente como forma de expressar o que a cor mobiliza nelas. Uma pesquisa que se aproxima dessa relação é o instrumento de investigação Pirâmides Coloridas de Pfister. É um teste projetivo criado pelo suíço Max Pfister nos anos 50 e introduzido no Brasil na década de 70. Trata-se de um instrumento que avalia aspectos da personalidade, destacando principalmente a dinâmica afetiva e indicadores relativos a habilidades

cognitivas do indivíduo, segundo a sinopse do Manual lançado por Anna E. V. Amaral em 2012.

Dessa forma, o instrumento considera a cor como elemento natural, uma vez que não discorda da existência de um simbolismo universal sobre as cores, considerando que se formulou uma cartela de cores; também não nega a existência de uma percepção visual atrelada à física, como leva em conta as ondas eletromagnéticas que constituem o processo visual; tampouco nega a existência de fatores fisiológicos, visto que padroniza a interpretação das respostas como se existisse um fator fisiológico comum à espécie. Entretanto, leva também em consideração as emoções. A emoção tem, nesse ínterim, um papel importante na forma como o sujeito se apresenta, considerando “a emoção como fenômeno transcendental puro, e isto se dirigindo não a emoções particulares, mas buscando atingir e elucidar a essência transcendental da emoção como tipo organizado de consciência.” (SARTRE, 2008, p. 22).

Em estudo da visualidade moderna feito por Ballestê e Francisco Portugal em 2014, Johann Wolfgang von Goethe (1749–1832), em contraponto a concepção física elaborada por Isaac Newton (1642–1727), expõe as cores como produto de uma ação do próprio olho concebido como órgão vivo em unidade com a luz. Não reduz também somente a uma questão fisiológica, mas que por meio de uma ação fisiológica as cores tornam-se uma realidade, por uma ação corporificada que necessita do olho do observador.

“O olho se põe em atividade logo que percebe a cor e é de sua natureza produzir imediatamente, de forma tão inconsciente quanto necessária, uma outra [cor] que, juntamente com a primeira, compreende a totalidade do círculo cromático” (GOETHE, 1993, p. 146). A percepção, deste modo, “está relacionada à atitude corpórea. Essa nova compreensão de sensação modifica a noção de percepção proposta pelo pensamento objetivo, fundado no empirismo e no intelectualismo, cuja descrição da percepção ocorre através da causalidade linear estímulo-resposta. Na concepção fenomenológica da percepção a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo.” (NÓBREGA, 2008, p.142)

A Linguagem das Cores de Rousseau, escrito por Rene Lucien Rousseau, é um material que amplia as possibilidades de penetrar na realidade do outro e se aproximar da sua compreensão, diante de um estudo maior, que no caso, é a Psicologia. Traz à tona a linguagem, seja como ela é expressa, é essencial ao modo de vida do homem que vive em sociedade e mais do que isso, que vive em busca de ser-social. Já na orelha deste livro “a totalidade da vida orgânica transmuda-se num vibrante ciclo energético de estruturas coloridas [...]. Conhecer-lhes o simbolismo universal é um meio seguro de poder controlar nossas emoções e pensamentos” (ROUSSEAU, 2002). Atrelado à compreensão de que em seus poderes estão: [...] a de impressionar, a de expressar, e a de construir. A cor é vista: impressiona a retina. E sentida: provoca uma emoção. E é construtiva, pois tendo um significado próprio, tem valor de símbolo e capacidade, portanto, de construir uma linguagem própria que comunique uma idéia. (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006, p. 13).

“Cor é

DIMENSÃO: aumenta ou diminui, aparentemente , os ambientes

PESO: pode tornar, aparentemente, os volumes mais leves ou mais pesados.

ILUMINAÇÃO: absorve uma parte da luz e reflete outra.

TEMPERATURA: imprime a idéia subjetiva de “quente” e de “frio”.

SIMBOLISMO: forte relação com as tradições.

EMOÇÃO: associa-se diretamente ao psiquismo humano”

(Goldman, 1964 , p. 271)

A cor tem vida própria; ela se comunica e existe por si só. A isso acrescento a Cromoterapia, um tipo de tratamento que consiste na utilização das cores para curar doenças e restaurar o equilíbrio físico e emocional do paciente. Gimbel (1995) em seu estudo sobre cromoterapia, que compreende a cura pela cor, fez os seguintes apontamentos:

Verde: cor estimulante do crescimento, sendo clara é relaxante sem ser depressiva;

Azul: é a mais curativa, relaxa o corpo todo e regula o desenvolvimento harmonioso do tecido e da estrutura orgânica;

Turquesa: reanimadora, refrescante, esta cor tranqüiliza o sistema nervoso e as inflamações;

Amarelo: propicia a sensação de afastamento, estimulando o sistema nervoso, ajuda no tratamento da artrite;

Laranja: cor da alegria, antidepressiva, benéfica no sistema metabólico;

Violeta: compõe-se do relaxante no azul e do estimulante no vermelho. Cor do equilíbrio, da consciência e da estabilidade;

Branco: isola qualquer intrusão, representando pureza na sua forma extrema. Como o preto, não constitui uma cor suportada por muito tempo pela maioria das pessoas; e

Preto: temida, suspeitosa, ligada à morte e ao perigo. Na China, é considerada a cor da prosperidade.

Em contrapartida, a Cromoterapia é uma alternativa que não apresenta contraindicação. Não depende estritamente de uma instrução verbal, o que facilita, por exemplo, na análise de crianças que ainda não atingiram a linguagem verbal ou também aqueles que a tem comprometida por motivos variados, pois algumas questões, como comprometimento na fala, deixam de ser facilitadoras diante de diversos estudos que pressupõem a expressão verbal. Ou seja, “A cor, às vezes, cria o clima desejado e fala por si só, o que deve ser aproveitado como instrumento técnico.” (TISKI-FRANCKOWIAK, 2000, p. 151)

Além da Cromoterapia existem outros estudos acerca do significado atribuído as cores. Certa vez li, em um blog (canal de comunicação na internet frequentemente utilizado nos dias de hoje), as cores que representam o luto. Segundo essa curiosidade pessoal, encontrei dados que diziam que: No Brasil, Japão e na Europa, usa-se preto, que é a privação da luz. Em Timor e na

China, o branco, que evoca o silêncio, a leveza e a paz. Na Síria, o azul celeste, cor do Céu, para onde se deseja que os mortos vão. Na Etiópia, o cinza, cor em que se convertem os cadáveres. Na Índia, o castanho ou o branco. Na África do Sul, o vermelho, que é a cor do fogo, que consome os corpos. Na Tailândia, é o roxo. No Irão, o azul. No Egito, o amarelo, a cor das folhas secas, que representam o fim da vida, pois essa é a cor das plantas, quando morrem. Segundo esse blog, de forma geral, não há um consenso generalizado na cor do luto, sendo assim a cor do luto varia entre os diversos países. Dados que não encontrei a fonte e que me fizeram, por mais esse motivo, realizar a presente pesquisa.

Se uma cor não pode mundialmente representar o luto que é uma vivência comum ao homem: como seria a experiência das cores que conscientemente visualizamos e inconscientemente nos arrebatamos pela sensação?

Pensar a estética, por exemplo, também consiste em pensar na disposição das cores utilizadas pelos pintores que de forma consciente ou não transmitem algo a quem vê e de quem a produziu. Ora, “talvez se possa perceber melhor todo o alcance dessa pequena palavra: ver. A visão não é um certo modo do pensamento ou a presença a si: é o meio que me é dado de estar ausente de mim mesmo, de assistir de dentro, à fissão do Ser, ao término da qual somente me fecho sobre mim. Os pintores sempre o souberam. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 42). As cores, geralmente, são expostas de forma espontânea embora se possa racionalizar as diversas combinações das cores e traços que se enquadram na questão estética, é uma ação que não pode ser compreendida com completa intencionalidade no campo da expressão da psique.

Por outro lado, as cores, como os nomes, estão atreladas a um significado intencional, como se estivesse nomeando algo e pode servir como uma forma de comunicação. “A expressividade de uma cor dependerá das funções que desempenhe. Quando entra em combinações com outras cores, cada uma recebe dessa combinação determinadas funções espaciais, favorecendo a lógica das formas. O valor exato de uma cor é relativo e depende do contexto colorístico.” (Tiski-Franckowiak, 2000, p. 151). Uma dessas formas é a sinalização no trabalho que também está relacionada à saúde do trabalhador uma vez que essa sinalização pode indicar áreas de risco ou perigo. Esse assunto pode ser aprofundado nas

“Normas Regulamentadoras Comentadas e Ilustradas. Legislação de Segurança e Saúde no Trabalho” (MORAES, 2013). Outro estudo que utiliza a cor de forma intencional, ainda que o estudo revele uma influência mais complexa da cor sobre o indivíduo, é a definição das cores nos ambientes. O processo de definição, de escolha das cores no ambiente trata-se de uma ciência que visa o equilíbrio e harmonia desse espaço. Em um ambiente hospitalar, a cor está relacionada com saúde e doença, pessoas e microorganismos. “De tempos para cá este espaço tem despertado a sensibilidade dos designers, arquitetos e decoradores para a inovação da cor em suas paredes, como um diferencial na sua estrutura interna, possibilitando uma releitura com a influência das cores. Desse modo, tornando o ambiente mais agradável, aconchegante e humanizado” (BECK, 2007, p.3)

Alex Senna, por exemplo, é um grafiteiro daltônico que expõe suas obras por São Paulo.

“Signos universais extraídos do imaginário infantil - corações, pássaros, notas musicais, balões e suas variações de composição são o que parece dar cor a uma obra 90% marcada pelo uso do preto e branco. Daltônico, Senna desenvolveu traços contínuos de apenas uma cor em seus desenhos e cadernos, até o momento em que transpôs para as paredes da cidade, marcando o cenário urbano com uma visualidade simples e claramente afetiva.”

(Jornalista Julia Bolligner)

Diante disso, o daltonismo, “nome conhecido da discromatopsia, é uma deficiência na visão que dificulta a percepção das cores. Foi descrito pela primeira vez em 1794 pelo químico-físico inglês John Dalton, também portador do distúrbio. A anomalia se dá na retina e é congênita, hereditária e incurável. A grande diferença entre o número de homens afetados comparando com o de mulheres se explica pelo fato de o daltonismo ser provocado por gene recessivo ligado ao cromossomo X.” (CASARIN, 2015, p.3). O autor apresenta outra visão acerca da diferença entre o que as pessoas vêem, colocando em questão o ser-daltônico como deficiência, atrelado à ciência, comprovando, mais uma vez, que o que eu vejo não é o mesmo que você vê. A deficiência visual, que acomete Alex Senna, mencionado acima, fez com que buscasse alternativas de continuar se colocando diante do mundo, no caso, em preto e branco.

É uma forma, então, de estudar como se compreende as cores numa simbolização universal que, apesar da influência que exerce sobre o indivíduo, há uma linguagem singular que pode ser expressa de diversas formas. Pois, “Se abirmos os olhos ao mundo que nos rodeia, veremos que vivemos mergulhados num cromatismo intenso, e o homem moderno, ao lado de arquiteturas de concreto e de aço cinzento, não consegue separar-se dele, porque nele vive, por ele sente satisfação e amor.” (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006, p. 1)

A utilização de agentes químicos pode provocar a alteração das cores assim como alterações do humor. O LSD, por exemplo, é conhecido como um lisérgico que intensifica as cores e provoca outro estado de consciência. Sem considerar as intenções que o sujeito tem em relação à busca pelos efeitos das drogas e da dependência química, em alguns casos, em que determinadas situações tornam suscetíveis determinadas reações e vice-versa. Há também combinações não químicas, como o Ayahuasca que é um chá natural feito da mistura de um cipó com algumas plantas onde também há relatos como: “vejo cores”. “Os primeiros pigmentos foram feitos de terras coloridas, naturalmente encontradas [...]. Tinturas de animais e plantas foram logo exploradas [...]. Cores sintéticas, criadas através de processos químicos, também foram desenvolvidas nos primórdios dos tempos egípcios.” (COLE, 1994, p. 8). O que leva a pensar que essa mistura do chá, carregada de ancestralidade, por ser reconhecida como uma medicina da floresta, pode estar relacionada à história das representações e, portanto, das cores.

Ainda assim, acredito que o estudo das cores pode colaborar na ressignificação de um conflito existencial articulado com a própria vivência da cor. Será que no trânsito da vida vermelho é “pare” e verde é “siga”? Dessa forma, o daltonismo é o caminho que encontrei para ressaltar a singularidade do ser por meio de um modo particular de ver as cores e senti-las.

Ou seja, a experiência da cor possui tamanho potencial de interferência no indivíduo que uma perturbação nesse campo pode, quem sabe, suscitar um transtorno. “[...] criando alegria ou tristeza, exaltação ou depressão, atividade ou passividade, calor ou frio, equilíbrio ou desequilíbrio, ordem ou desordem, etc. As cores podem produzir impressões, sensações e reflexos sensoriais de grande importância, porque cada uma delas tem uma vibração determinada em nossos

sentidos e pode atuar como estimulante ou perturbador na emoção, na consciência e em nossos impulsos e desejos.” (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006, p. 2)

Visto que, “o normal é aquele que supera os conflitos, criando-se dentro de sua liberdade, atendendo igualmente às coações da realidade” (AUGRAS, 2002, p. 12) e uma vez diferenciando as cores de outro modo no caso de um daltônico, a realidade apresentada a ele e a realidade percebida por ele podem se chocar. Já “Patológico é o momento em que o indivíduo permanece preso à mesma estrutura, sem mudança e sem criação.” (AUGRAS, 2002, p. 12), há relato de quem queria ser piloto e não podia por conta disso, demonstra aqui uma restrição na sua possibilidade de agir no mundo.

Compreendendo a manifestação das cores e, no que isso acarreta, talvez trilhe um caminho que deixe de desfavorecê-lo e se torne um material de estudo à Psicologia. “Nessa perspectiva, estabelecer o diagnóstico é identificar em que ponto desse processo se encontra o indivíduo, destacar as eventuais áreas de parada ou de desordem, e avaliar as suas possibilidades de expansão e de criação [...]” (AUGRAS, 2002, p. 12) de modo que “O diagnóstico procurará dizer em que ponto de sua existência o indivíduo se encontrava e que feixe de significados ele constrói em si e no mundo. Desta maneira, “cada homem será a medida de sua própria normalidade” (AUGRAS, 2002, p. 12), assim, cada homem será a medida de sua própria visão sobre as cores.

OBJETIVO

À luz da noção de civilização os homens carregaram junto aos seus fatores biológicos na questão da evolução: os símbolos. Os símbolos propiciaram mais o surgimento da noção de cultura, aspecto esse importante na construção social no qual se fundamenta a vida do homem em sociedade. Essa noção foi possível por meio da linguagem, ou seja, na atribuição de sentidos ao que viam e sentiam, embora nenhum ser vise ou avistasse o mesmo fenômeno. No entanto, além do campo da linguagem há maneiras de se perceber o mundo, de se expressar, de se manifestar e não se tratam da mesma coisa. Unindo essas questões ao fator perceptivo do indivíduo perante o mundo em que habita e o circula, a presente pesquisa tem como objetivo estudar a manifestação das cores numa visão única e particular do ser daltônico que pode ser, talvez, expressa através do seu humor.

Embora “A essência do que se procura nas manifestações do fenômeno nunca é totalmente apreendida, mas a trajetória da procura possibilita compreensões.” (GARNICA, 1997, p. 114)

Dessa forma, estima-se que o presente estudo contribuirá para ressaltar e dar a devida importância ao daltonismo e todas as influências que exerce nas alterações no cotidiano desse ser, como possíveis alterações de humor ou atravessamentos na execução de suas atividades.

MÉTODO

Na tentativa de alcançar o objetivo dessa pesquisa, que consiste resumidamente em alcançar a compreensão dos caminhos possíveis pelos quais as cores se expressam e revelam algo para o ser daltônico, pretendo pesquisar a singularidade do sujeito acima da existência de uma linguagem universal das cores. A presente pesquisa utilizará o método qualitativo. “A abordagem qualitativa propõe-se, então, a elucidar e conhecer os complexos processos de constituição da subjetividade, diferentemente dos pressupostos “quantitativos” de predição, descrição e controle [...]” (HOLANDA, 2006, p. 364) para compreender o objeto de estudo em sua totalidade, com dados detalhados, na perspectiva fenomenológica.

“O método fenomenológico constitui-se numa abordagem descritiva, partindo da idéia de que se pode deixar o fenômeno falar por si, com o objetivo de alcançar o sentido da experiência, ou seja, o que a experiência significa para as pessoas que tiveram a experiência em questão e que estão, portanto, aptas a dar uma descrição compreensiva desta. Destas descrições individuais, significados gerais ou universais são derivados: as “essências” ou estruturas das experiências”

(HOLANDA, 2006, p. 371)

Farei uso da entrevista semi-aberta, cuja questão norteadora “como é ser daltônico num mundo onde as cores imperam?”, - a fim de poder entender o que dela se pretende e, ao mesmo tempo, bastante ampla para se expressar livremente sobre o fenômeno, garantindo o máximo de liberdade, - visa à expressão da totalidade da visão que esse ser apresenta sobre as cores; “Uma maneira de estudar a experiência consciente é através de entrevistas. Utiliza-se a entrevista para captar a experiência consciente dos entrevistados [...]. Na tradição da

fenomenologia semiótica a experiência consciente é entendida em sua associação com os conceitos de intencionalidade, sentido e existência.” (GOMES, 1997, p. 1);

Isto é, talvez possibilite que revele tanto uma questão subjetiva de sua relação com as cores tanto quanto questões atravessadas em seu cotidiano pelo fato de ser-daltônico. “É no discurso deste sujeito sobre sua experiência vivencial que se busca uma aproximação com a essência ou estrutura do fenômeno. Na experiência do sujeito, portanto, o fenômeno se mostra como essência vinculada à existência.” (GRAÇAS, 2000, p. 29)

Antes da entrevista, será apresentada detalhadamente a proposta da pesquisa e esclarecidas possíveis dúvidas do participante.

O sujeito será contatado através das redes sociais as quais a pesquisadora tem acesso; será solicitado um comprovante/laudo médico da sua condição de daltonismo, o qual será o critério de inclusão, - independente da idade, raça ou sexo -, enquanto o critério de exclusão será não possuir linguagem verbal como forma principal de expressar sua resposta a pergunta norteadora por meio da qual será feita a compreensão e estudo do relato da experiência. “Para que a compreensão se apresente é preciso que haja algo ou alguém perante nós que esteja querendo comunicar-se, seja verbalmente, por meio da escrita ou na maneira própria de se mostrar solicitando um significado.” (GRAÇAS, 2000, p.30). A entrevista será realizada em um local à escolha do sujeito com o objetivo de corroborar com a idéia de que um lugar da sua escolha será melhor para a realização de um estudo que ressalta a influência das cores de forma a afetar inclusive os ambientes na intenção de deixá-lo o mais confortável possível para compartilhar sua experiência.

O risco que o sujeito enfrentará será a possível mobilização emocional que a pergunta suscitará sobre ele, o que será devidamente acolhido com a escuta ativa. Por outro lado, trará o benefício de expor a alguém uma questão que pode muitas vezes passar despercebida no seu cotidiano e que nesse momento estará sendo utilizada com seu devido valor e importância.

A entrevista será gravada, com a devida autorização do sujeito, e simultaneamente serão feitas anotações que se julguem necessárias. Os dados

coletados serão transcritos e lidos quantas vezes forem necessárias para a compreensão do que foi exposto em colaboração com este trabalho.

Considerando que, “Na experiência desse corpo vivido, no seu encontro com o mundo que se vai buscar a descrição onde se ressaltará, em sua essência, o fenômeno que se estuda. Através do relato do sujeito é que se pretende descobrir como este se percebe como um ser no mundo, o sentido que ele dá às situações em que se encontra envolvido. A sua expressão é o caminho escolhido para descrever a natureza da experiência por ele vivida.” (GRAÇAS, 2000, p.29)

Seguindo as seguintes etapas:

1. Formulação do problema;
2. Situação gerando dados: entrevista única com um único sujeito;
3. Transcrição dos dados coletados;
4. Análise dos dados coletados;
5. Considerações finais.

Método elaborado na intenção de adentrar a hipótese de que as cores representam uma das experiências humanas que expressam a singularidade do sujeito com base nos passos formulados por Moustakas (1994) sobre pesquisa fenomenológica presente no artigo de Holanda (2006).

ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados na pesquisa fenomenológica é um ponto importante na trajetória que busca a compreensão do fenômeno em estudo, considerando o momento ápice de reflexão da mesma, pois “A pesquisa “empírico-fenomenológica” envolve um retorno à experiência para obter descrições compreensivas que darão a base para uma análise estrutural reflexiva criando um retrato da essência da experiência” (HOLANDA, 2006, p.370-371). Para isso, em um primeiro momento “o pesquisador lê os depoimentos à luz de sua interrogação” (GARNICA, 1997, p. 116) em que pretende ver o fenômeno dentro de uma perspectiva entre as várias que se mostram.

Sendo assim, a transcrição da entrevista será acessada quantas vezes forem necessárias para que se possam construir, num segundo momento, unidades de significado. “As unidades de significado, por sua vez, são recortes julgados significativos pelo pesquisador, dentre os vários pontos aos quais a descrição pode levá-lo.” (GARNICA, 1997, p. 116) até que se chegue ao ponto de Redução Fenomenológica essencial à compreensão.

“Isso, entretanto, não deve ser entendido como negação ou limitação do mundo, mas um modo de suspender qualquer juízo a seu respeito para poder conhecê-lo a partir de sua origem, intuindo a sua essência”.
(GRAÇAS, 2000, p. 30)

A entrevista semi-aberta foi realizada com D. M. O, de 26 anos, descendente de família oriental, residente em Araraquara onde cursa atualmente Farmácia na UNESP. Anteriormente, residia na zona sul de São Paulo, onde morava com os seus pais, para onde retorna em finais de semana alternados. O contato efetivo se deu via telefone e ferramenta *Whatsapp* após o contato inicial de mensagem pela

plataforma de rede social *Facebook*, o que possibilitou o encontro, marcado em local de seu critério, visando situá-lo em sua totalidade da expressão de sua experiência, - com importância devidamente descrita no método dessa pesquisa qualitativa -, bem como horário acessível a ambos, ressaltando a prioridade e a agenda do entrevistado.

A entrevista então ocorreu na Praça Vinícius de Moraes, localizada no bairro Morumbi em São Paulo, Capital, uma vez que lhe dei abertura para escolher o local na intenção de deixá-lo o mais confortável possível para responder à questão norteadora, como colocado anteriormente.

Situá-lo vai além do contexto onde o encontro foi marcado, não se resume ao espaço onde foi realizada a entrevista. Considerando que o mundo ao redor do indivíduo, o ambiente, exerce influências sobre ele. Sem, certamente, confundir essa influência com um determinismo biológico.

“Umwelt, que significa literalmente “o mundo ao redor”. É o mundo natural, o mundo biológico, conhecido por ambiente. O Umwelt é o mundo material, que cerca a todos os animais e seres humanos, abrangendo necessidades biológicas, impulsos e instinto. É o mundo dos ciclos naturais do dormir e acordar, do nascer e morrer, o mundo que é imposto a cada um nós pelo nascimento”. (MAY, Rollo, p. 139)

No caso, o sujeito alterou o horário combinado um dia antes do agendado e chegou atrasado, apesar de sua inquietude para saber do que se tratava a entrevista. Mesmo assim, despendeu de alguns minutos para contar sobre sua vida até entrar no momento reflexivo que a questão norteadora propõe e se dispôs a divagar sobre o assunto, sem parecer se preocupar com o tempo. Parecia postergar à reflexão do ser-daltônico.

Indo além: o sujeito trouxe, nos dados da entrevista, que as cores que possui dificuldade para enxergar são: o verde, o marrom e o cinza. Ao questioná-lo sobre algum caso na família disse desconhecer. Ao responder, utilizou-se do raciocínio de que o daltonismo está ligado ao cromossomo sexual. Que, seu pai, não teve irmãos, acredita que seu pai não seja daltônico. Sobre seu avô, não sabe dizer e, já que seu avô também não teve irmãos, não sabia informar. Houve, desse modo, um

desinteresse em adentrar sua condição particular de ser-daltônico embora seja uma deficiência visual que afeta parte significativa da população. Como se, de imediato, reservasse seus fatores biológicos a si mesmo ao mesmo tempo em que responde racionalmente a questão, como se fosse um processo puramente lógico, o que aponta um modo restrito de ser em relação a seu mundo ao redor.

Esse mundo ao redor, que D. não questionou em sua intimidade familiar, ou quem sabe, preferiu não saber, o coloca numa posição de aceitação passiva diante da condição que lhe foi imposta, através de fatores biológicos, que podem revelar o daltonismo como uma deficiência, nesse caso, visual, adquirida no nascimento e que não possui cura e com a qual não procura relacionar-se, provavelmente, para evitar a frustração. Uma determinada característica é significada e compreendida à luz da cultura, da esfera biológica e da esfera psíquica. Essa noção leva à reflexão de que seu mundo relacional se mostra fragilizado, uma vez que é afetado pelas críticas sociais bem como a construção social da deficiência, que perpassa a questão lógica da explicação biológica. Ou seja, não se apropriou dessa questão primeira que somente o próprio sujeito poderia se apropriar, visto que sua visão é única e particular.

“Mitwelt – é o mundo dos inter-relacionamentos, o mundo com o outro, que caracteriza o humano. Os animais vivem apenas no Umwelt. O ser humano não existe senão no Mitwelt, que é a característica básica do Dasein: ser-no-mundo. Pode-se dizer que os animais têm um ambiente, enquanto que os seres humanos têm um mundo, que envolve suas relações com os outros indivíduos, com a família e a comunidade. O Mitwelt é o modo de ser no mundo social.” (MAY, Rollo, p.140)

Estranho seria se esse segundo mundo não fosse afetado pelo primeiro. O daltonismo corresponde ao *Umwelt*, em sua constituição fisiológica. Contudo, o ser-daltônico corresponde ao *Mitwelt* e ao *Eingwelt*, - que irei adentrar mais adiante -, em conjunto com o corpo que lhe é fornecido, com suas características comuns ao ser humano e singular na sua existência, apresentados no *Umwelt*. "O corpo é a unidade máxima de representação do ser humano e por isso adquire importância para toda vida e cultura. Para viver é necessária a mediação do corpo, que é o primeiro dos objetos culturais, o portador dos comportamentos." (PONTY, 1971, p. 277)

Entretanto, para falar da deficiência com o rigor do método fenomenológico, mais conveniente seria um trabalho exclusivo acerca do daltonismo como deficiência. Neste sentido, apenas será ressaltada a relevância para o presente trabalho. Serão expostos os recortes que abrangem essa questão complexa que diz respeito à construção social da deficiência, apresentada aqui, como o daltonismo que o restringe, que afeta a experiência do sujeito dessa pesquisa com as cores. Ao seguir o rigor fenomenológico de investigar modos de ser deficientes do sujeito vieram à tona, ao longo da entrevista, fenômenos antes despercebidos pelo participante. Ainda que ser-daltônico seja uma condição específica, a experiência dessa condição é única e exclusiva e singular. “Vive-se com o corpo e nos relacionamos através dele. Toda percepção exterior é imediatamente sinônima de certa percepção do corpo, como toda percepção do corpo se explicita na linguagem da percepção exterior” (PONTY, 1971, p. 277)

Ao questioná-lo como descobriu ser-daltônico e como se sentiu, vale ressaltar que D. depositou importância à sua relação social e a descreveu como “confusão”, ao dizer *“nessa parte de confusão na parte de me relacionar com a sociedade só teve esses lances aí”* ao falar sobre o dia em que, no terceiro colegial, descobriu que vestiu uma camiseta cinza ao invés de verde e relatou lembrar que, antes disso, quando era mais novo, pintava a cor da pele de rosa pensando que era a cor da pele natural. Evidenciou, ao concluir sua fala - *“Umás três vezes também me falaram que eu fui vestido, tipo, nada a ver, a cor que eu fui vestido, tipo marrom e laranja e eu achei que tava ornando, mas não tava”* – que há um descompasso entre a sua percepção e a dos outros de forma que isso o incomoda e o coloca numa situação de crítica social.

A deficiência visual, neste sentido, se dá pelo desconhecido e pelo estranhamento decorrente o que o torna estranho para si e para os outros em reflexo à sua própria percepção. E mais: “O que interessa é o valor que a vida em comunidade adquire em detrimento da vida individual... Ora, cria-se uma necessidade de ser o mais possível igual aos outros, necessita ser confundido com os demais, pois a comunidade encara tudo o que for exceção como hostil e prejudicial.” (ZAMORA, 2010, p.1). Sua percepção era sentida de outro modo pela alteração que as cores acarretavam, dando espaço para manifestação da angústia. “- Ah,... me incomodava porque as outras pessoas, a opinião das outras pessoas era

que eu não tava ornando ta ligado que eu tava nada a vê, pra mim, mas na minha cabeça eu tava ornando, fazia nexo as cores,... pelo fato das pessoas acharem que não tinha nada a vê que tava desconexo e mano, pra mim, fazia sentido entendeu. Mais por isso assim...da sociedade achar que eu tava errado e que não fazia sentido e pra mim fazia sentido.” Ou seja, a distinção entre a cor que o daltônico vê e que é diferentemente vista pelo outro, afeta a distinção entre quem ele é e quem o outro é, o fazendo transitar por um campo de dúvida e deslocamento vulnerável ao sofrimento, pois o sujeito atribui fazer ou não sentido. Entretanto, “as diferentes noções de sentido são o testemunho desse movimento, evidenciando que, no mundo da vida, o fenômeno só existe em ato: suas propriedades não são restritas ao objeto em si mesmo, mas só existem em função daquele que o observa e, nessa visada, lhe atribui sentido.” (FREITAS; ARAÚJO; FRANCA; PEREIRA; MARTINS, 2012, p. 146) em que PONTY (1945/1999) diria "De tudo o que vivo, enquanto o vivo, tenho diante de mim o sentido, sem o que não o viveria."

Ao lançar a pergunta “*Como é ser daltônico num mundo onde as cores imperam?*” D. logo colocou em questão a Publicidade. Trouxe essa questão como algo que não o atinge, pelo fato das cores estarem associadas à publicidade. O daltônico não seria influenciado com a idéia de que “*as cores também remetem muito aos desejos*” e que, portanto, “*a cor que está associada a tal desejo talvez seja diferente num daltônico*”, ou seja, D. associa a cor ao desejo.

“Eigenwelt é o “mundo próprio”, o “eu”, que inclui um corpo. O Eigenwelt pressupõe uma autoconsciência, uma percepção de si mesmo, um “auto-relacionamento” que também está presente apenas nos seres humanos. Não se trata de uma experiência meramente subjetiva, ao contrário, é a base sobre a qual nos relacionamos a partir da percepção do que uma coisa qualquer no mundo significa para mim.” (MAY, Rollo, p.141)

“Sem o desejo, o eu perde sua força, coragem, intimidade consigo mesmo, e promove um grande vazio existencial que vai engolindo a vida e o tempo e degradando o espaço.” (COSTA; MEDEIROS, 2009, p. 380). Ao se posicionar dessa maneira, colocando-se como isento de ser afetado pelas cores, D. se omite da responsabilidade de assumir não apenas o seu desejo, negando e se distanciando do seu mundo próprio. E da noção de que “A vida tal como surge da reflexão

causada pelo desejo pode ser entendida como retorno reflexivo do ser sobre si mesmo, isto é, a vida consiste num infinito movimento de conservação e superação das diferenças, mas também geração e colocação das diferenças.” (SILVA, 2009, p. 50) que poderia, no sentido contrário ao que caminha de aproximar-se ao invés de distanciar-se, reduzir seu nível de angústia, dor ou sofrimento.

"A intencionalidade da consciência é tal que alcança o mundo exterior todo o tempo, até quando tem por alvo coisas que não estão diante dela" (SOKOLOWSKI, 2010, p. 107). Entretanto, D. relata gostar somente das cores que consegue identificar. Esse processo, de negação, como defesa em destacar-se do comum, o afasta de apropriar-se de si mesmo de forma integrada à sua própria percepção, que restringe, dessa maneira, seu modo de ser e, portanto, desejar.

A perda da possibilidade de contato com a natureza é uma das manifestações que retratam a falta do sentido de identidade do sujeito, talvez, provocadas pelo não reconhecimento das cores que afeta a maneira em que atua em seu próprio mundo. “O azul do céu, o verde das folhas, o colorido deslumbrante das flores, os diversos tons das águas do mar e a natureza toda impõem suavemente o império da cor. O homem vive eternamente com suas sensações visuais, oferecidas pelo ambiente natural que o rodeia e por ele mesmo, pela realização de suas obras.” (FARINA, 1994, p. 22)

Que, o leva, possivelmente, a utilizar drogas como único recurso aparente, pois “se o Eu se torna transcendente, então ele participa de todas as vicissitudes do mundo (...) O meu Eu , com efeito, não é mais certo para a consciência que o Eu dos outros homens. Ele é apenas mais íntimo.” (SARTRE, 1994, p.82) e isto o faz, provavelmente, acessar as cores nas quais não acessa em seu cotidiano ao mesmo tempo em que essa transcendência o permite participar da ilusão, - evidenciado, no decorrer dessa pesquisa, que ser-daltônico é singular, - de percepção comum, no sentido amplo, à possibilidade de sentir, de entrar em contato, de ser afetado. Ou então, na tentativa de encontrar a natureza em sua forma mais pura: ser tocado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da consciência, D. acredita que movimenta-se em direção aquilo que identifica, conhece ou que, no mínimo, é passivo de explicação. “O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável. “Há um mundo”, ou, antes, “há o mundo” (PONTY, 1999, p. 14)

No entanto, a compreensão que a pesquisa, - como um todo - , se aproximou, revelam um sujeito que se defende de tudo aquilo que ameaça o ser. Existe a presença de uma carga de angústia aparente de um sujeito que vive o não-ser. Em contrapartida, busca, a todo o tempo, sentir.

Visando o corpo como mediador à via do sentido, o significado particular que cada sujeito, em sua condição única e singular, produz sentido: as cores, para esse ser-daltônico, anunciaram, entre tantas formas de apresentar-se ao mundo e, vice-versa, o caminho do afeto, do racional, da linguagem, da comunicação e do ser.

“Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá

O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar

Vamos todos numa linda passarela

De uma aquarela que um dia enfim

Descolorirá”

(TOQUINHO – Aquarela)

BIBLIOGRAFIA

AUGRAS, Monique. **O ser da compreensão - fenomenologia da situação de psicodiagnóstico**. Petrópolis, Vozes, 1978, p.96.

BALLESTE, Rômulo; PORTUGAL, Francisco Teixeira. **Visualidade Moderna: Reflexões Acerca da Obra de Goethe e Schopenhauer**. Psicol. pesq. [online]. 2014, vol.8, n.1, pp. 30-40. ISSN 1982-1247.

BECK, Carmen L.; FILHO, Flavi F. L.; LISBOA, Maria da Graça P.; LISBOA, Rosa L. **A Linguagem Sígnica das Cores na Resignificação (Humanização) de Ambientes Hospitalares**, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007.

BORTOFT, H. Counterfeit and authentic wholes: finding a means for dwelling in nature. In: SEAMON, D.; ZAJONC, A. **Goethe's way of science: a phenomenology of nature**. New York: State University of New York Press, 2013, p. 277-298.

CASARIN, Franciele. **O daltonismo: um exemplo de herança ligada ao cromossomo X**, monografia apresenta na Universidade Federal do Paraná, 2015, p.3.

COLE, Alison. **Cor: O guia visual essencial à arte da cor, desde a pintura na Renascença até os meios modernos atuais**. São Paulo: Manole, 1994.

COSTA, Virginia E. Suassuna; MEDEIROS, Marcelo. **O tempo vivido na perspectiva fenomenológica de Eugène Minkowski** , Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n. 2, p. 375-383, abr./jun. 2009.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. **Algumas notas sobre Pesquisa Qualitativa e Fenomenologia**, Interface — Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, 1997 , p. 114.

GIMBEL, Theo. **A energia criativa através das cores**. São Paulo: Pensamento, 1995.

GOETHE, J. W. von (1993). **Doutrina das Cores**. São Paulo: Nova Alexandria. (Original publicado em 1810).

GOMES, William B. **A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente**, Psicol. USP vol. 8 n. 2 São Paulo, 1997.

GRAÇAS, Elizabeth Mendes. **Pesquisa qualitativa e a perspectiva fenomenológica: fundamentos que norteiam sua trajetória** , Rev. Min. Enf., 4(1/2):28-33, jan./dez., 2000.

HOLANDA, Adriano. **Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica**, Análise Psicológica (2006), 3 (XXIV): 363-372, p. 364 .

FREITAS, Marta Helena; ARAÚJO, Rita; FRANCA, Filipe; PEREIRA, Ondina; MARTINS, Francisco. **Os sentidos do sentido: uma leitura fenomenológica**, Rev. abordagem Gestalt. vol.18 no.2 Goiânia dez, 2012.

MAY, Rollo. **A descoberta do ser**, Ed. 2000, Rio de Janeiro.

MORAES, Giovanni. **Normas Regulamentadoras Comentadas e Ilustradas. Legislação de Segurança e Saúde no Trabalho**, vol. 4 8^oEd., 2013.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcio. **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau Ponty** , Estudos de Psicologia 2008, 13(2), 141-148.

PONTY, Merleau. **A Fenomenologia da Percepção** ,1945/1999, p. 4.

PONTY, Merleau. **A Fenomenologia da Percepção**, Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos, p.277.

PONTY, Merleau. **O Visível e o Invisível**, São Paulo: Perspectiva, 4^o Ed., 2004, p.9.

ROUSSEAU, René-Lucien. **A linguagem das cores: a energia, o simbolismo, as vibrações e os ciclos das estruturas coloridas**. São Paulo: Pensamento, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **A Transcendência do Ego**. Lisboa, Colibri, 1994, p.82.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma Teoria das Emoções**. Trad. de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008, p.22.

SILVA, Luiz Henrique Vieira. **O desejo e seu Outro**, Revista Eletrônica Estudos Hegelianos Ano 6, nº10, Junho-2009: 47-59.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à fenomenologia**. (A. O. Moraes, Trad.). São Paulo: Loyola, 2010.

TISKI-FRANCKOWIAK, Irene T. **Homem, comunicação e cor**. 4. ed. São Paulo: Ícone, 2000.

VENTURA, Dora Fix , **Visão de cores no primeiro ano de vida** , Psicologia USP, 2007, 18(2), 83-97.

ZAMORA, Ângela, **A Noção da Dissolução do Sujeito em Nietzsche**, Revista Pandora Brasil nº15 , 2010.

Endereço para correspondência:

IZABELA HARUMI NISHIOKA

Email: iza.nishioka@gmail.com

Celular: (11) 97152-9898

ANEXOS

- I. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
- II. PLATAFORMA BRASIL
- III. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA NA ÍNTEGRA

I. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ portador (a) da cédula de identidade RG nº _____, autorizo a utilização dos dados da entrevista por mim fornecidos ao aluno do 5º ano do Curso de Psicologia da PUCSP Izabela Harumi Nishioka portadora do RG 39.324.244-4 para fins de seu Trabalho de Conclusão de Curso “A EXPERIÊNCIA COM AS CORES NO SER-DALTÔNICO”. As informações obtidas por meio de uma entrevista semi-aberta poderão contribuir para responder ao objetivo da monografia, que busca compreender como as cores se manifestam numa visão única e particular que pode ser expressa pelo humor. Estou ciente de que a monografia é orientada pela Profª Dra. Marina Pereira Gomes, a quem poderei contatar se julgar necessário através do telefone (11) 3887-1085 – Curso de Psicologia da PUC-SP.

Fui esclarecido (a) de que o uso das informações que ofereci está subordinado às normas éticas de pesquisa envolvendo seres humanos da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sob cadastro inscrito na Plataforma Brasil. Minha colaboração se fará anônima, sendo autorizada a gravação e transcrição da entrevista organizada com o fim especial do estudo em apreço. Caso tenha dúvida ou me sinta prejudicado (a), poderei contatar o pesquisador e sua orientadora ou, ainda, o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP. Estou ciente de que as informações geradas e possíveis publicações a partir desse estudo serão propriedade dos autores da pesquisa, sendo utilizadas apenas no contexto acadêmico. Uma cópia do Trabalho de Conclusão de Curso será encaminhada à Biblioteca Nadir Kfourri caso obtenha nota nove (9,0) ou 10 (dez)

Por último, declaro que minha participação é voluntária e que sei que poderei encerrá-la a qualquer momento que julgue necessário. Neste caso, recebi a garantia de que meus dados não serão utilizados.

A pesquisadora do estudo me ofereceu cópia assinada deste Termo de Consentimento, conforme recomendações da CONEP.

São Paulo, ____ de _____ de 2016.

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Assinatura do orientador: _____

PLATAFORMA BRASIL

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC/SP

COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

Título da Pesquisa: A EXPERIÊNCIA COM AS CORES NO SER-DALTÔNICO

Pesquisador: Marina Pereira Gomes

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

Versão: 1

CAAE: 67823517.0.0000.5482

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 042816/2017

Informamos que o projeto A EXPERIÊNCIA COM AS CORES NO SER-DALTÔNICO que tem como pesquisador responsável Marina Pereira Gomes, foi recebido para análise ética no CEP Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP em 02/05/2017 às 18:42.

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

E-mail: cometica@pucsp.br **Telefone:** (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF: SP

Município: SAO PAULO

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA NA ÍNTEGRA

Como é ser daltônico num mundo onde as cores imperam?

- Talvez no lance da publicidade... eu seja menos afetado. Não sei se só pelo fato de ser daltônico, mas não sei se remete a alguma coisa de eu prestar atenção nas coisas ou não, mas eu acredito que a publicidade não me atinge... Um daltônico da mesma forma que atinge as pessoas que conseguem ver as coisas normais, né. Porque as cores também remetem muito aos desejos né sei lá; azul remete a paz, branco remete a paz, vermelho remete a vontade de comer, então como eu tenho esse, essa, essa dificuldade em percepção das cores talvez o que incita uma pessoa normal não influencia numa pessoa que é daltônica né, talvez isso que seja deturbado num daltônico: a cor que está associada a tal desejo talvez seja diferente num daltônico. Então, eu acho eu acho que nesse lance da publicidade a gente é menos influenciado. Em relação a... qual que é a pergunta mesmo? Eu acho que eu respondi o lance da publicidade.

Como é ser daltônico num mundo onde as cores imperam?

- Imperam, né? E... deixa eu ver... em relação a percepção das cores não sei. No dia a dia?

Sim!

- É acho que mais por esse lance da publicidade né.

Mas como que você descobriu. Como que foi para você?

- Então, no terceiro colegial, toda sexta feira tinha aquele lance de ir fantasiado de determinado personagem ou tinha algum tema. Aí tinha um dia que você tinha que ir de verde, né e, no caso eu fui de cinza e eu tava crente que a cor da minha camiseta era verde só que todo mundo falou que era cinza aí nesse momento eu vi que eu tinha algum problema com as cores né... e também quando eu era muleque pra pintar a pele humana eu pintava de rosa achando que era da mesma cor que a nossa pele, ta ligado, um rosinha claro, então nessa parte de confusão na parte de me relacionar com a sociedade só teve esses lances aí. Umás três vezes também me falaram que eu fui vestido tipo, não tinha nada a ver, a cor que eu fui vestido, tipo marrom e laranja e eu achei que tava ornando só que não tava.

Como que era pra você perceber que estava vendo diferente? Que a sua percepção era diferente das outras pessoas.

- Ah,... me incomodava porque as outras pessoas, a opinião das outras pessoas era que eu não tava ornando ta ligado que eu tava nada a vê, pra mim, mas na minha cabeça eu tava ornando, fazia nexos as cores, a roupa que eu tava usando, o jogo de cores né que eu tava fazendo. Aí me incomodava isso pelo fato das pessoas

acharem que não tinha nada a vê que tava desconexo e mano, pra mim, fazia sentido entendeu. Mais por isso assim de ter uma, um... da sociedade achar que eu tava errado e que não fazia sentido e pra mim fazia sentido.

Como você acha que isso te afetou internamente?

- Hm, internamente? É... iria mais pra esse lado de não ser afetado, acho que foi benéfico. Foi benéfico não ter sido afetado pela publicidade por esse lance das cores né... não sei, porque tem uma regra acho na publicidade, no marketing fala: use tal cor quando você quer falar de, quer despertar tal desejo. E no daltônico isso é uma exceção né... acho que num tem uma regra pro daltônico ta ligado.

E tem mais alguém na família? Que seja daltônico, que você saiba?

Então, o daltonismo ta relacionado ao cromossomo sexual né... e na parte do meu pai, meu pai não teve irmãos, meu pai acredito que não seja daltônico, meu vô não sei te dizer e meu vô não teve irmãos... então não sei te informar isso daí né.

E qual o significado que as cores possuem para você?

- Eu gosto muito do azul, eu gosto muito da cor azul, porque é uma cor que eu sei identificar bem. E do vermelho! Eu não gosto das cores que eu não sei identificar que seria: verde, o marrom e o cinza, que eu tenho muita dificuldade. Eu li uma reportagem uma vez que pessoas que... índios conseguem identificar muito mais tonalidades de verde do que pessoas que moram em cidade né, em compensação pessoas que moram na cidade conseguem diferenciar muitos tons de cinza do que pessoas que moram no interior ta ligado, então talvez o lance seja que minhas cores prediletas sejam as cores que eu consigo diferenciar as tonalidades né... por isso que eu gosto delas.

E você acha que você sente as cores que não identifica?

Como o verde, por exemplo? Ou as cores que você não vê?

- Não, então, passam muito mais despercebido pra mim as cores que eu não consigo identificar, que eu tenho dificuldade, que seriam o verde, o marrom e o cinza né... apesar de eu gostar muito da natureza assim sentir uma conexão muito maior do que com a cidade, é... pra mim é muito mais difícil identificar plantas e vegetais e tudo mais assim, no tom verde né...

Você acha que o verde tem uma energia? Para quem está enxergando o verde?

- Sim, total. Total, eu tenho muita dificuldade em saber se a planta ta seca ou se ela ta, se ela precisa de água ou... sei que ela ta murcha quando ela ta tipo seca ou tipo quando ela ta murcha ou quando ela ta saudável né, mas pela tonalidade de cor eu não saberia identificar isso daí né. Quando eu fumei DMT, CHANGA, nossa... aí eu consigo diferenciar grandão, consigo ver até as folhas respirando e tudo mais e mudando de cor também né... É, eu sinto dificuldade nisso, por ser daltônico, e por

ser a cor verde, nesse lance com a natureza. De ver as flores, as flores não né, as folhas, as arvores, e as gramas e tudo mais.

Como é essa alteração de cores para você com o uso de drogas? Você passa a enxergar as cores que você não enxerga ou só as tonalidades que ficam mais vivas?

- Elas ficam mais delimitadas, não sei se é as cores... elas mudam e eu consigo ver como elas realmente são, mas eu consigo ver uma delimitação maior assim... a fronteira, né, a fronteira entre elas eu consigo ver assim como se fosse em fractal eu consigo ver os detalhes dela, não como se fosse uma coisa plana né, como se conseguisse ver os poros, a porosidade delas, então talvez as cores eu ainda não veja da cor certa, mas consigo ver as delimitações dos poros, consigo ver as micro vilosidades né... mas acho que me ajuda!

Você acha que com o uso de drogas que você enxerga melhor essa delimitação das cores produz um efeito diferente em você. Você acha que isso tem algum efeito maior?

- Sim, eu acho que eu consigo ver muito melhor, consigo ter o contato de muitas outras tonalidades que eu não conseguiria ver sóbrio né.

E você gosta disso?

- Sim, eu amo! Gosto muito!

Faz bem para você conseguir ver as cores mais delimitadas?

- Me faz muito bem! Porque parece que você entra em contato com outras informações, outros conhecimentos que você não tem quando ta sóbrio né... e visualmente falando é muito bonito você ter esse contato que eu acho que é o sentido mais importante né do ser humano... acho que sem visão a gente não conseguiria fazer nada né mano, a gente não conseguiria construir as coisas nem conseguiria criar idéia, ter a dimensão do que fazer do que sei La do que sentir, acho que a visão é o sentido mais importante que a gente tem, sem duvidas nenhuma. E a cor em si, puta, influencia no nosso humor, ué você deve saber né...

Você acha que as cores influenciam no seu humor? O fato de ser daltônico.

- Hm, total. Influencia sim...

Me conta uma experiência que você sente que a sua dificuldade com as cores influenciou?

- Uma dificuldade pelo fato de eu ser daltônico né...

Algo relacionado com o seu humor, por exemplo, o verde se tornar cinza em relação a quem sempre vê o verde. Você acha que isso lhe deixa mais depressivo? Alguma cor que lhe deixa mais eufórico?

- Talvez se eu conseguisse delimitar maior o verde do marrom e do cinza eu conseguiria sentir mais a natureza talvez. Da mesma forma que a natureza não me atinge pelo fato de eu ser daltônico quando a coisa é muito bonita e tem muito verde ela me afeta num grau, numa escala menor do que uma pessoa que consegue enxergar as delimitações ta ligado, que consegue enxergar as tonalidades do verde mano. Da mesma forma que é benéfico pela publicidade que é mano um bagulho que leva ao consumismo exagerado, quando você ta num ambiente também que poderia te influenciar devido as tonalidades diferente acaba também não te pegando, você não consegue receber todas essas informações ta ligado pelo fato de você não conseguir distinguir todas as cores.

Você acha que você se frustra? Você se depara com essa situação de não estar enxergando?

- É a primeira vez que eu to tendo esse pensamento aqui comigo mano, mas acho que não... mas acho que por isso que eu busco tomar cogumelos, tomar LSD, fumar uma changa no meio da natureza porque eu consigo ver essa diferença entendeu, de tonalidade, eu consigo ver muitas outras cores, e conseqüentemente a natureza me toca de outra forma, ta ligado, assim da mesma forma que você fuma um e sei La toma uma breja e vê uma propaganda você fica muito suscetível a ser influenciada por ela ta ligado, sei La, você fuma um e vê a propaganda do MC, você vai ficar na larica ta ligado... você vai querer comer um MC mano, você ta bêbado sei la você vê uma propaganda meio sexual você vai ficar com vontade de mano ficar com aquela mina que ta na propaganda de cerveja entendeu, então talvez essa minha fuga de buscar ver, ter um efeito visual diferente do que eu tenho habitual, na natureza, é pelo fato de eu não conseguir enxergar o verde talvez. Não pelo fato, que é o motivo principal, mas porque me ajuda a ver as cores diferentes e porque mano visão muda totalmente, assim... influencia totalmente.

Pô, gostei ein mano... do que saiu agora ein (risos)

Acho que é isso então. Tem alguma coisa mais que você queira falar sobre ser daltônico e as cores?

- Sintetizando, acho que é isso mesmo mano, acho que a publicidade não atinge, porque a publicidade utiliza muita cor né pra influenciar o observador então como a gente tem uma outra percepção diferente da pessoa que não é daltônica, acaba que num gera tanto desejo em você, mas da mesma forma como a gente não é influenciado pela publicidade na natureza, pra mim que não consigo enxergar o verde, talvez não atinja da mesma forma que uma pessoa que é saudável, ta ligado, não sei se pode ser chamado de saudável, então não consigo ver tanto os detalhes porque as tonalidades de verde são diferentes pra mim, então eu utilizo drogas que mexem no efeito visual que mano , pra ter essa diferenciação, e conseqüentemente as coisas me atingem melhor.

Então nunca teve uma situação em que ser daltônico fosse um bloqueio pra você?

- Não, que eu saiba, que eu tenha consciência, não. Talvez tenha, né. Mas eu não sei. Só nesse lance aí de pintar as pessoas de rosa na minha, na aula de artes, no ensino fundamental e nesse dia de ir de verde na escola e as vezes ir meio nada a ver pro role ta ligado ir com uma cor nada a vê, tipo não combinado, não ornando.